

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - UNIJUI**

MILENA WITTEKIND

**EMPODERAMENTO FEMININO: ESTUDO DE
MANIFESTAÇÕES FEMINISTAS NAS REDES SOCIAIS POR
MEIO DE HASHTAGS**

**Ijuí
2016**

MILENA WITTEKIND

**EMPODERAMENTO FEMININO: ESTUDO DE
MANIFESTAÇÕES FEMINISTAS NAS REDES SOCIAIS POR
MEIO DE HASHTAGS**

Monografia final do Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo objetivando a aprovação no componente curricular Monografia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul –UNIJUÍ. Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação – DACEC.

Orientadora: Lara Nasi

**IJUÍ
2016**

UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
DACEC - Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da
Comunicação

**EMPODERAMENTO FEMININO: ESTUDO DE
MANIFESTAÇÕES FEMINISTAS NAS REDES SOCIAIS POR
MEIO DE HASHTAGS**

Elaborada por

MILENA WITTEKIND

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade
Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof^a Ma. Lara Nasi (Orientadora)

Prof^a Dra. Vera Raddatz

Ijuí, RS, Dezembro de 2016.

*Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa própria
substância, já que viver é ser livre.
Simone de Beauvoir*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Maria Helena e Milton Tadeu Wittekind, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e dando todo o suporte para possibilitar minhas realizações.

Ao meu namorado Cássio Sturm Soares, pelo incentivo de continuar persistindo nos momentos de dificuldades.

Aos meus amigos e colegas, que compreenderam minha ausência.

A minha orientadora Lara Nasi pelos ensinamentos e pelos conselhos fundamentais ao êxito desse trabalho.

RESUMO

O objetivo principal é relatar como as diversas manifestações de coletivos/grupos feministas na internet podem contribuir para o empoderamento feminino. Para isso, o referencial teórico aborda o nascimento da internet, seu desenvolvimento e como as mídias sociais ganharam relevância tão rapidamente. É relatado os primórdios do feminismo, como e porque começou a luta pelos direitos das mulheres e também, na atualidade, como os coletivos e grupos feministas utilizam a internet ao seu favor. Como essa ferramenta ajudou e ainda ajuda no debate e na divulgação do assunto, na desconstrução da imagem do feminismo e como a internet pode colaborar para o empoderamento feminino. A metodologia envolveu a aplicação de um questionário online com questões abertas e fechadas para mulheres de 14 a 40 anos, com o intuito de investigar como, na percepção das entrevistadas, as manifestações feministas na internet poderiam colaborar para o empoderamento feminino atualmente, com ênfase nas manifestações #chegadefiu #meuprimeiroassedio e #meuamigosecreto. 75 mulheres responderam ao questionário. A pesquisa revelou que a grande maioria das mulheres entrevistadas compartilham e se identificam com as questões feministas debatidas nas mídias sociais. Mais de 82% das questionadas afirmam que as manifestações feministas realizadas nas mídias sociais, podem sim ajudar no empoderamento e na evolução da luta feminina.

Palavras-chave: Internet. Feminismo. Empoderamento. Hashtag. Comunicação.

ABSTRACT

The main objective is to report how the various manifestations of feminist groups on the internet can contribute to female empowerment. For this, the theoretical referential addresses the birth of the internet, its development and how social media has gained relevance so quickly. The beginnings of feminism are told, how and why the struggle for women's rights began, and also, today, how collective and feminist groups use the internet to their advantage. How this tool has helped and still helps in the debate and dissemination of the subject, the deconstruction of the image of feminism and how the internet can collaborate for female empowerment. The methodology involved the application of an online questionnaire with open and closed questions for women aged 14 to 40 years, with the aim of investigating how, in the interviewees' perceptions, feminist manifestations on the internet could collaborate for female empowerment today, with emphasis on Demonstrations #chegadefiuuiu #meuprimeiroassedio and #meuamigosecreto. 75 women answered the questionnaire. The survey revealed that the vast majority of women interviewed share and identify with feminist issues debated in social media. More than 82% of those questioned affirm that feminist manifestations in social media can help to empower and evolve the feminine struggle.

Key words: Internet. Feminism. Empowerment. Hashtag. Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Usuária manifestando sua opinião através de post pelo Twitter pela hashtag Chega de FiuFiu.....	30
Figura 2: Post de usuária de Twitter engajada na campanha Meu Primeiro Assédio.....	31
Figura 3: Postagem de usuária do Twitter, manifestando sua opinião através da manifestação Amigo Secreto.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Idade das mulheres entrevistadas.....	35
Tabela 2: Questão sobre a participação nas manifestações.....	36
Tabela 3: Porcentagem da questão 2 do questionário.....	36
Tabela 4: Opinião das entrevistas sobre assédio.....	37
Tabela 5: Questão sobre a opinião exposta para a sociedade.....	38
Tabela 6: Meios de comunicação onde o feminismo é discutido atualmente.....	39
Tabela 7: Mídias onde pautas como o feminismo é percebido.....	39
Tabela 8: Número de meninas que já foram assediadas nas ruas ou redes sócias.....	40
Tabela 9: Respostas ao questionamento sobre assédio verbal e físico.....	40
Tabela 10: Xingamentos e tom pejorativos sobre ser feminista.....	41
Tabela 11: Opiniões das pesquisadas sobre a importância do empoderamento.....	42

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	INTERNET E EMPODERAMENTO FEMININO.....	12
2.1.	A ORIGEM DA INTERNET.....	12
2.2.	A INTERAÇÃO NA REDE.....	14
3.	LUTAS FEMININAS.....	18
3.1.	O QUE É FEMINISMO?.....	18
3.2.	OS PRIMÓRDIOS DO FEMINISMO.....	20
3.2.1.	Primeira Onda Feminista.....	20
3.2.1.1.	Simone de Beauvoir.....	22
3.3.	SEGUNDA ONDA FEMINISTA.....	23
3.4.	TERCEIRA ONDA FEMINISTA.....	24
3.5.	QUARTA ONDA FEMINISTA E A PRIMAVERA FEMINISTA.....	25
4.	USO DA INTERNET POR COLETIVOS E MOVIMENTOS FEMINISTAS.....	28
4.1.	#CHEGADEFIUFIU.....	29
4.2.	#PRIMEIROASSÉDIO.....	30
4.3.	#AMIGOSECRETO.....	32
5.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE.....	34
6.	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

Falar de direitos iguais, de empoderamento feminino, da luta e história da mulher é de extrema importância na era em que vivemos. A luta feminina vem ganhando força e se tornando um assunto cada vez mais presente entre mulheres e homens da sociedade no século atual.

No ano de 2015 a seguinte pergunta foi lançada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) para a sociedade brasileira: **“Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas?”**.

A pesquisa apresentou um percentual de 63% dos entrevistados que afirmavam que a mulher, por estar mostrando o corpo, merecia sim ser atacada e/ou estuprada. A repercussão desta pesquisa nas mídias sociais abriu um grande debate sobre o que é ser mulher em pleno século 21. Esta pesquisa foi mais uma razão para a comunidade feminista fortalecer-se em prol dos direitos humanos e justiça de gênero. Em 2016 a mesma pesquisa foi realizada em setembro; os dados mostram que 42% dos homens ainda concordam que mulheres que não se dão ao respeito merecem ser estupradas, concordando também com a frase 32% das mulheres. A percepção de que mulheres que usam roupas provocativas não podem reclamar se for estuprada, revela que 30% do público que concorda com essa frase são mulheres.

Nas mídias sociais, relatos de abusos sexuais, tantos físicos quanto emocionais começaram a ser relatados por mulheres de todas as idades. Manifestações na internet como #meuprimeiroassedio, #amigosecreto, #chegadefiuuiu ganharam milhares de seguidores, em relatos sobre o que é ser mulher, e como elas são vistas pela sociedade em geral, por homens ou mulheres.

O empoderamento feminino é um tema pouco discutido, estudado, existem poucos artigos e trabalhos acadêmicos sobre, e principalmente também em minha futura profissão. Não vemos jornalistas e a mídia em geral falar sobre o feminismo, sobre empoderamento. No meu 7º semestre de faculdade, eu e minha turma criamos um projeto chamado Plurais. Nele falávamos principalmente das minorias, de pessoas que não se sentiam como a maioria das pessoas da sociedade. Temas como homofobia, racismo e o feminismo estavam presentes no projeto. Além disso, tivemos o prazer de conhecer o grupo GEMIS (Gênero, Mídia e Sexualidade). Foram duas noites de aprendizados sobre o papel do jornalista com relação a esses temas, em vinda do grupo, que é de Porto Alegre, à Unijuí. Depois destes momentos de aprendizado, eu não tive mais dúvidas que o empoderamento feminino era meu tema para

concluir minha formação acadêmica. Foram esses os meus principais incentivos ao escolher esse tema para meu trabalho de conclusão de curso.

O trabalho busca responder à questão “Como a internet pode colaborar para o empoderamento feminino na atualidade?”. Com este objetivo, foi estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo fala sobre a internet, sobre sua história, porque ela foi criada, desvendando algumas das curiosidades sobre como todo esse mundo digital foi criado e, em consequência, como as redes e mídias sociais acabaram entrando em nossas vidas e se tornando algo considerado fundamental. Em tão pouco tempo, a internet nos trouxe informação, interatividade e muita tecnologia. É um lugar onde quase tudo e todos se encontram. Além disso, o primeiro capítulo desvenda como a internet, e principalmente as mídias sociais se tornaram um instrumento para o empoderamento feminino, um ambiente para discutir o feminismo e criar laços entre pessoas sobre esse assunto.

O segundo capítulo é inteiramente sobre a história do feminismo. Sobre a luta feminina desde seus primórdios, fala das primeiras mulheres feministas da história e quais foram as suas conquistas até hoje. Salienta as três ondas feministas no país e aborda o que poderia se chamar de uma quarta onda, considerada por alguns como uma nova onda no feminista atual, chamada de primavera feminista. Este capítulo também conta a história de grandes mulheres que colaboraram para a luta feminista, como Simone de Beauvoir, Malala Yousafzai, entre outras. A luta por direitos igualitários é longa, sofrida e até hoje, a cada dia que passa, as mulheres continuam batalhando cada vez mais pelos seus direitos. O capítulo também aborda o que é o feminismo, quais são os seus objetivos e pelo que as feministas lutam. Pois, mesmo depois de anos, o feminismo ainda esbarra em preconceitos. A figura da feminista continua sendo vista por muitos como algo ruim, algo negativo. Além disso, o segundo capítulo aborda uma discussão sobre o que o feminismo atual é, e como as feministas de hoje se manifestam e expõem suas opiniões por meio da internet e das mídias sociais.

O terceiro capítulo, item 4 do trabalho, discute sobre o uso da internet pelos coletivos e também nas manifestações feministas criadas. Discute como esse tipo de manifestação acontece e quais ações os grupos feministas realizam nas mídias sociais. Com a criação das *hashtags*, a interação e a discussão sobre o feminismo ficaram mais expostas nas mídias sociais. Manifestações através das *hashtags* nas mídias sociais, como #meuprimeiroassedio, #amigosecreto e #chegadefiufiu colaboraram para uma nova visão sobre o que é o feminismo. Geraram debates importantes sobre empoderamento, liberdade da mulher e principalmente sobre violência, seja ela verbal ou física. Com isso, possibilitaram o crescimento de coletivos, grupos, sites, aplicativos sobre o feminismo. Esse capítulo esclarece como a interação digital

colaborou para o crescimento desse tema, fazendo com que muitas pessoas que não se interessavam e não sabiam sobre que o feminismo se tratava, buscassem conhecimento.

No capítulo cinco busca-se, com uma análise, responder à questão que motivou esse trabalho: Como a internet pode colaborar para o empoderamento feminino na atualidade? Com a realização de um questionário online com perguntas abertas e fechadas, encaminhado a grupos feministas organizados on-line, mulheres responderam sobre assédio verbal, sexual, sobre o que é ser feministas e como as manifestações por meio das *hashtags*, #meuprimeiroassedio, #amigosecreto e #chegadefiufiu podem colaborar para o empoderamento feminino nas ruas e na internet. Neste capítulo são apresentados os principais resultados do questionário e especificados os procedimentos metodológicos adotados. Foram 75 meninas que responderam ao questionário online, e as respostas apontam que o assédio verbal é algo que está presente diariamente na vida dessas meninas. Muitas delas relataram medo, vergonha e até transtornos como a ansiedade depois de vivenciar experiências de violência de gênero. Relatos sobre violência sexual e doméstica também foram coletados. Ao questioná-las se a internet é uma ferramenta importante para a discussão desse assunto, a resposta foi unânime. Todas as 75 participantes acham que as ações feitas na internet e por meio das *hashtags*, são importantes para o empoderamento e o crescimento da discussão sobre o feminismo.

2. INTERNET E EMPODERAMENTO FEMININO

2.1. A Origem da Internet

A internet nem sempre foi um ambiente de interação das pessoas, em que os internautas expõem suas opiniões. Para o colunista e historiador Maximiliano Meyer (2016), no início dela, tinha-se uma visão bem diferente de como está agora; ela foi projetada inicialmente para ações militares, em que servia como meio de pesquisa para combates. No meio da Guerra Fria, a internet servia como aliada para os Estados Unidos, que usavam essa ferramenta como segundo plano de segurança para comunicação, em caso de ataques, se seus aparelhos de comunicações utilizados na época fossem atingidos. A ARPANET, conhecida hoje como Internet foi a primeira versão criada, que funcionava como um sistema de comunicação de dados, por meio de uma gigantesca estrutura de computadores, onde as informações eram divididas em pacotes. Esse sistema foi elaborado por estudantes e estagiários dos Estados Unidos no século XX a pedido do Departamento de Defesa americana¹. Não podemos afirmar que a criação da internet tenha um autor específico, pois foi um processo de criação em que inúmeras pessoas tiveram o envolvimento (CASTELLS, 2003).

A primeira possível interação através de um e-mail, de acordo Castells (2003), porém foi na década de 1969, que ocorreu por meio da transmissão da palavra “LOGIN”. Entretanto, como o sistema da época era ainda algo novo, o receptor só conseguia receber a letra “O”. Quando os possíveis ataques contra os Estados Unidos haviam acabado, nos anos de 1970 a 1980 o Departamento de Defesa liberou a plataforma para estudos e projetos acadêmicos para a área de defesa. Daquele momento em diante, as evoluções em relação à internet ampliaram, a partir da criação da *National Science Foundation*² e pelo governo americano, que desenvolveram computadores de alta potência com transmissão via rádio, considerada até hoje a estrutura física da internet. E somente em 1990 que a internet ganhou alcance da população, pela criação do conhecido “www” (World Wide Web³), desenvolvido pelo engenheiro Tim Bernes-Lee. Essa estrutura possibilitava a criação de sites e interfaces gráficas, surgindo então à possibilidade de interação entre transmissor e receptor, desse momento em diante a internet cresceu em uma velocidade inexplicável. Segundo dados da

¹ United States Departamento of Defense:< <http://www.defense.gov/>>

² Fundação Nacional da Ciência é uma agência governamental pertencente aos Estados Unidos.
<<https://www.nsf.gov/>>

³ No português: Rede Mundial de Computadores.

*Internet World Statistics*⁴, revelou que em julho de 2007 os números de usuários já ultrapassavam a faixa de 1 bilhão e 234 milhões.

E no Brasil os primeiros contatos com a criação da internet foi em 1988 através de universidades ligadas aos Estados Unidos. Para Castells a primeira formação de um possível site foi criada em 1991, para meios acadêmicos. E só em 1995 o governo liberou espaço da plataforma para fins comerciais. No século XXI, o cenário já é bem diferente, como aborda Márcia Vidal Nunes ao falar sobre dados de acesso no Brasil:

De acordo com uma pesquisa divulgada pelo IBGE⁵, são 56 milhões de brasileiros que têm acesso à internet no país. O levantamento mostra o percentual de brasileiros acima dos 10 anos que acessou a internet pelo menos uma vez entre 2005 e 2008 passou de 20,9% para 34,8%. A pesquisa revela ainda que o aumento se deu tanto entre homens quanto entre mulheres e que os jovens são a maioria dos usuários. O total de brasileiros com acesso à internet subiu 75,3%, de 2005 a 2008, no Brasil. Desse total, 17 milhões ganham mais de dois salários mínimos perca pita por mês. Os jovens são a maioria dos usuários da internet: adolescentes entre 15 a 17 anos representam 62,9% do total de usuários brasileiros (NUNES, 2011, p. 152).

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia⁶, em 2015 o hábito de uso da internet cresceu, os usuários ficam conectados aproximadamente 4h59 por dia durante a semana e aos finais de semana o número diminui para 4h24, na internet. No ano anterior, em 2014, os dados eram de 3h39 por semana e 3h43 durante os finais de semana conectados à internet. A diferença do tempo conectados na internet entre homens e mulheres é mínima, os homens passam aproximadamente 5h11 e as mulheres passam 5h06 na internet, durante a semana. A pesquisa de 2015 também revelou que os jovens ainda são os que mais gastam horas conectados, 65% dos jovens entre 16 a 25 anos passam aproximadamente 5h51 durante a semana conectados, eles também são considerados a faixa etária que se conecta todos os dias. Esses dados também são influenciados pelo grande número de aparelhos celulares que conectam a internet, a maioria dos jovens acabam usando esse tipo de ferramenta para utilizar as mídias sociais com mais facilidade e em maior tempo. 92% dos internautas estão conectados nas redes sociais, 83% deles estão no Facebook, 58% no Whatsapp e 17% conectados ao Youtube.

Percebe-se que tudo é muito recente, que apesar de toda essa potência que a internet tem nos dias de hoje, ela e principalmente as mídias sociais são criações de pouquíssimo tempo, mas já com uma influência enorme na vida em sociedade.

⁴ Internet World Stats: <www.internetworldstats.com>.

⁵ Pesquisa divulgada pelo IBGE em dezembro de 2009.

⁶ PBM: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

2.2. A Interação na Rede

Os objetivos e os usos da internet se modificaram completamente desde sua criação. Quando se falava em mídia, pensavam-se jornais, televisão e rádios. Hoje as mídias na internet incluem, além de plataformas de notícias, blogs, sites, mídias sociais e uma infinidade de outras possibilidades. De acordo com os autores Fábio Malini e Henrique Autoun (2013), há pouco tempo os formadores de opinião que trabalhavam por meio de blogs não tinham credibilidade tanto quanto os dos jornais impressos. A internet ganhou a sua credibilidade por ser um “lugar” onde a liberdade de expressão é prezada, diferente dos jornais, que precisam filtrar seus conteúdos, apenas informam.

Daí que, por ora, há todo um conjunto novo de disputas e conflitos sobre a produção e a regularização da liberdade na Internet, na medida em que todo o valor capitalista está radicado em fazer os conectados livres permanecer dentro de limites programáveis e de conexões preestabelecidas, para recolher desta toda a sua produção social. (MALINI, 2011, p. 153).

Além do poder que a internet vem ganhando, outro ponto que colabora para essa popularização são os dispositivos que aceleram essa interação, por compartilhamentos de conhecimentos, de informações e dados, refletem Malini e Autoun (2013). Para os autores, o consumidor torna-se cada vez mais exigente, pois é capaz de interagir e comunicar-se através desses dispositivos. A escritora Raquel Recuero (2009), alega que os usuários que analisam as redes sociais são considerados atores, eles atuam na forma de moldar as estruturas sociais, por meio da interação e da constituição de laços sociais. Recuero (2009), também salienta que “quanto maior o número de laços, maior a densidade da rede, pois mais conectados estão os indivíduos que fazem parte dela [...] Os laços sociais auxiliam a identificar e compreender a estrutura de uma determinada rede social” (RECUERO, 2009, p. 41).

Com a criação das redes sociais, esse poder de interação se multiplicou, é um local onde as pessoas expõem suas opiniões, criam debates sobre qualquer assunto. Com a vinda das *hashtags*, que é um método de captar uma palavra chave e saber quais são os assuntos mais falados nas redes sociais e identificar quem são as pessoas que estão falando e o que elas estão comentando sobre esse assunto, debates como o empoderamento da mulher e o feminismo viralizaram, ficou ainda mais fácil de identificar assuntos desse e de qualquer outro tipo. As *hashtags* colaboram na busca e na organização das informações e também se tornaram um meio para classificar conteúdos e entender o que os usuários estão discutindo, tornando esse espaço fundamental para o entendimento na comunicação e na cibercultura.

O ciberativismo é uma forma de ativismo na internet, local em que os usuários usam a internet para divulgar ações, realizar mobilizações e fazer reivindicações. É considerado um sistema recente, que utiliza as novas tecnologias de informação e comunicação (TICS), para a proposição de ações por meio na comunicação digital na internet. Para Nunes (2011), o ciberativismo tem mostrado que é uma das mais novas ferramentas para fazer mobilizações. “A crescente importância das inovações tecnológicas na nossa vida cotidiana vem provocando uma série de transformações na forma como as pessoas se relacionam entre si com a sociedade” (NUNES, 2011, p. 151).

Para o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic)⁷, dirigido por Malini, “O Twitter, como um espaço plural de mobilizações e discussões, tornou-se palco para a expoente ascensão de manifestações e campanhas que utilizaram *hashtags* como ferramenta de enfrentamento e conscientização”. As redes sociais, além de serem portais de lazer, também, passam a ser locais de debates sobre assuntos sérios e de reflexões. Com o crescimento dessa e de outras redes sociais, a internet trouxe novas possibilidades para a discussão do feminismo, principalmente a divulgação de abusos e a mobilização de denúncias. Os usuários da rede fizeram com que o empoderamento feminino, por meio dessas mobilizações, ampliasse sua presença em pautas feministas com o uso das *hashtags*.

Acreditamos, que a internet é, sem dúvida, uma plataforma de extrema importância para a disseminação de nossa mensagem e para a pulverização de conteúdo feminista. E o maior exemplo que podemos citar desse engajamento virtual e de seu impacto na vida das mulheres se deu através da #MeuAmigoSecreto. (COLETIVO NÃO ME KAHLO, 2016, p. 14).

Para o Coletivo Não Me Kahlo, as mulheres que conheceram o feminismo somente na internet estão em processo de desconstrução. Elas permitiram a desconstrução, e começam a se questionar sobre o que foi ensinado referente ao o papel da mulher. Elas não precisam estar completamente ligadas ao feminismo teórico e a sua história, basta querer ser “diferente” do que lhes foi ensinado e imposto pela cultura da sociedade, salienta Aduana Campos, integrante do coletivo.

A feminista que conheceu a militância da internet pode ser aquela mãe que começa a desconstruir a educação sexista de seus filhos, a professora que não separa os alunos em meninos e meninas, a tia que não lê contos de fadas para a sobrinha, porque ela aprendeu que não existe final feliz com príncipe encantado. Tem a diretora da escola que muda a grade curricular das crianças, e ao invés de contos de fadas sexistas, ensina mitologia grega e nórdica. A mulher negra que hoje desfila seus cachos ou

⁷ LABIC: <<http://www.labic.net/>>.

mantêm seu Black Power, como um ato político. A mulher que aprendeu que fazer dietas, além de muitas vezes não ser saudável, não lhe fazia feliz. Na internet ela aprendeu a amar suas formas e que ser gorda não é defeito. A jovem garota que vivia em um relacionamento abusivo, e com as "feministas de internet" recebeu alertas sobre sua situação e conseguiu se libertar. Dar apoio emocional e psicológico para a amiga que sofreu violência no relacionamento. Segura a mão e dá o ombro para mulheres que sofrem por serem mulheres. Dizer a elas que a culpa NÃO É DELAS (CAMPOS, 2015, s-p).

De acordo com a Agência Brasil⁸ a busca pela palavra feminismo na internet entre 2014 a 2015 aumentou 86,7% no país, com aproximadamente 90.500 buscas. Segundo a Agência, através da internet o feminismo está em alta, principalmente entre mulheres jovens. Esse aumento significativo por conhecimento sobre o assunto é resultado de campanhas sobre o tema. Campanhas que saem das ruas, das vivências dentro de casa e até de programas de televisão, como a criação de uma das primeiras manifestações feminista através de *hashtag* no país, a #primeiroassédio, polêmica criada por comentários sexistas com uma participante de 12 anos de um programa culinário na televisão aberta. Ação criada por intermédio do Twitter pelo Coletivo Think Olga que relatam que a *hashtag* obteve aproximadamente 11 mil buscas no google.

Para o Coletivo Think Olga, o feminismo deixou de ser apenas manifestações de rua e ganhou espaço nas redes sociais, lugar que fez com o assunto fosse debatido e ganhado espaço na mídia. O maior poder das *hashtags* é a ampliação de divulgação sobre o tema. Com o debate sobre o assunto por meio dessa ferramenta, surgiram novas possibilidades para a discussão sobre o feminismo. Trouxe debates como o empoderamento feminino, assédio verbal, sexual, violência doméstica e outros assuntos para reflexão da sociedade.

Segundo Nunes (2011), as práticas culturais significativas e produtos de interações coletivas se manifestam de dentro para fora dos grupos sociais, podendo até se tornar universais. Com a internet os movimentos feministas, as interações em sites, blogs e nas mídias sociais se transformaram em fóruns de discussão sobre o feminismo, analisa o Coletivo Marcha Mundial das Mulheres (MMM)⁹. Para elas é visível o auxílio da internet para as ações feministas. O coletivo utiliza as mídias digitais para organizações de reuniões, mobilizações e principalmente, na troca de experiência sobre o tema. O MMM frisa que sem a internet e a interatividade que ela proporciona, seria mais difícil realizar as ações que elas e os grupos feministas organizam, e mobilizações seriam impossíveis, sem a internet.

⁸ Agência Brasil: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/com-internet-feminismo-esta-em-alta-entre-jovens-diz-especialista>>.

⁹ Marcha Mulheres: <https://marchamulheres.wordpress.com>

A internet auxilia no combate ao machismo da mídia, explicitada em propagandas de televisão, sites e programas. Nada passa batido, pois vários blogs e páginas feministas produzem e propagam um “contra conteúdo”, ou um contraponto fundamental às ações machistas dos velhos conteúdos midiáticos. Toda essa movimentação só é possível a partir da internet como um espaço livre de ideias, contudo, esse espaço está ameaçado no Brasil (MARCHA MUNDIAL DA MULHER, 2012, s-p).

Segundo a escritora do site *Blogueiras Feministas*¹⁰, Talita Santos Barbosa (2015), o feminismo não teve início na internet, as feministas vêm lutando há muito tempo por seus direitos, mas para Barbosa, a internet é um novo canal, para descobertas de novos horizontes, perspectivas e saberes. Salienta que o ciberespaço como uma transposição da vida social, é como se fosse uma reestruturação do mundo físico para o virtual. Acredita também que o espaço cibernético facilita a popularização do feminismo na vida das pessoas pelo país e que esses movimentos sociais virtuais são tão válidos quanto as ações físicas. “As mulheres que militam virtualmente não são apenas espectadoras passivas, mas participam ativamente do movimento através da colaboração e compartilhamento de ideias e ao saírem do ambiente virtual não deixam de ser feministas” (BARBOSA, 2015, s-p).

Barbosa também frisa que o mundo virtual precisa estar mais conectado com o real, para tornar as ações feministas mais efetivas. Afirma que “O virtual pode ser o caminho para mulheres que possuem escolaridade e não têm disponibilidade para ir às ruas militar, já os espaços presenciais podem fazer pequenas revoluções em bairros e grupos específicos de mulheres” (BARBOSA, 2015, s-p). A blogueira reflete também que a aproximação e a união dessas mulheres são essenciais, pois, a comunicação é grande aliada, tanto a física quanto a digital. Nunes reflete sobre a identidade e cidadania com essas novas possibilidades de comunicação e sociabilidade: “A identidade pessoal, a vida em sociedade, o exercício da cidadania passa por redefinições, à medida em que se amplia e se enraíza a presença e a utilização dessas novas tecnologias no mundo contemporâneo” (NUNES, 2011, p. 167). Para Nunes, a velocidade com que essas mobilizações na internet acontecem, faz com que as pessoas mudem a forma de pensar e do mundo ao seu redor.

No próximo capítulo, percebemos que as lutas femininas não são algo recente. Foram muitos anos que as feministas levaram para conquistar seus direitos. No capítulo que está por vir, abordaremos os primórdios do feminismo, quem foram as grandes mulheres por trás das batalhas percorridas até as grandes conquistas, como o poder do voto das mulheres. E também, como essas grandes conquistas e as lutas pelos direitos femininos são refletidos até hoje.

¹⁰ *Blogueiras Feministas*: <http://blogueirasfeministas.com/>

3. LUTAS FEMINISTAS

3.1. O que é Feminismo?

A etimologia da palavra feminismo varia de autor (a) para autor (a). A jornalista espanhola, especializada em cultura e sociedade feminina, Montserrat Barba (2016), recorre a diversos estudos para definir a questão. Para a filósofa e historiadora Geneviève Fraisse, de acordo com Barba (2016), o termo feminismo foi usado pela primeira vez por Alexandre Dumas Filho, para fins jornalísticos e políticos em 1872, quando escrevia sobre adultério e questões como o divórcio. A jornalista espanhola também lembra que Simone de Beauvoir, em sua obra de 1980, define feminismo como um modo de vida individual e de luta coletiva. De antemão, segundo Barba (2016), para a socióloga chinela Julieta Kirkwood o termo é como uma rebelião contra as diferenças humanitárias, particularmente para as mulheres. Com o surgimento das sufragistas no século XIX o termo feminista se consolidou positivamente, tornando sinônimo de luta e justiça na guerra feminista na época, frisa a jornalista.

No momento atual, o conceito do feminismo e do que é ser feminista é muito discutido. Por um lado, há mulheres que frisam que feminismo é o termo contrário de machismo, que ser feminista é odiar o sexo masculino. Enquanto umas lutam pelo feminismo, outras nomeiam as feministas como “feminazis” comparando-as ao nazismo. Na internet, esse termo é usado principalmente para salientar que feminismo é a propagação de ódio aos homens. Desde a época das sufragistas, comentários desse teor são feitos, considerando feministas mulheres gordas, feias, sem marido e promíscuas. Mesmo com o passar das décadas, essa visão sobre o feminismo, que se trata de mulheres loucas, frágeis, entre outras, ainda faz parte da sociedade. Para as feministas esse tipo de pensamento contribui para um mau entendimento e uma visão inversa dos valores feministas.

Contrapondo esse conceito, as feministas ressaltam que odiar os homens e ser feminista não está relacionado. O feminismo é lutar por igualdade profissional e de gêneros, pelo fim da violência sexual e da cultura do estupro, como defende o Coletivo Não me Kahlo¹¹, em seu livro *#meuamigosecreto*.

Quantas vezes precisamos explicar a alguém que o feminismo nada tem a ver com o ódio aos homens? Quantas vezes nos vemos obrigadas a debater mais do mesmo, nunca fugindo do óbvio, em vez de nos aprofundarmos nas discussões que nos são caras, devido à propagação de desinformação? E quantas vezes, mesmo diante de direitos já conquistados, temos que justificar a necessidade deles, além de com

¹¹ É um grupo de mulheres que resolveram formar um Coletivo Feminista, para agregar pessoas e aprofundar o estudo sobre o feminismo. <www.naomekahlo.com>.

frequência vemos esses mesmos direitos serem ameaçados por legislações cada vez mais conversadoras? [...]. Logo porque sempre temos que recomeçar nossa discussão da estaca zero? (COLETIVO NÃO ME KAHLO, 2015, p. 249-250).

Cumpre referir, também, que as feministas se engajam na luta pela equidade no acesso à educação. De acordo com Chimamanda Ngozi Adichie¹² (2013), feminista é “a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica dos sexos”¹³. (Chimamanda Ngozi Adichie¹⁴, TEDx Talks channel¹⁵, 2013).

Quando se fala em luta pelos direitos das mulheres, o nome de Malala Yousafzai é lembrado; a jovem lutou contra o Paquistão, segundo a autora de sua biografia, Viviana Mazza. Com apenas 15 anos, Malala criou um blog com uma identificação fictícia, e nele contava o seu dia a dia em seu país, que vivia em guerra, onde os talibãs criavam regram e uma delas era a proibição do estudo para as mulheres. Malala negava-se parar de estudar, então contou para o mundo o que seu país e o que as mulheres do Paquistão estavam sofrendo. Por causa disso, Malala foi caçada pelo Talibã, em uma luta em que quase morreu com um tiro quando estava indo para a escola.

Gul Makai sou eu. Pronto, agora todos sabem. Não é mais um segredo. Queria gritar para o mundo inteiro, queria dizer para o mundo inteiro o que estava acontecendo. Mas não podia. Os talibãs me matariam, além de meu pai e de toda a minha família. Seria morta sem deixar nenhuma pista. Por isso escolhi escrever sob pseudônimo. E funcionou, meu vale foi libertado. (YOUSAFZAI apud, MAZZA, 2013. p.151).

Além de ser a pessoa mais jovem a receber o prêmio Nobel da paz, ela lutou para que as mulheres de seu país pudessem ter o mesmo acesso à educação que os homens. Aos 16 anos, Malala tornou-se um símbolo feminino contra a desigualdade entre gêneros e a valorização das mulheres em uma cultura machista. Malala é apenas um exemplo entre os diversos, de mulheres e jovens mulheres que lutam no mundo todo por igualdade entre os sexos na atualidade.

A luta de Malala gerou debates sobre a luta feminina, e para o Coletivo Não Me Kahlo, com a vinda desse debate sobre o empoderamento, uma nova palavra e ideia sobre o feminismo surge: “Girls Power¹⁶”. O conceito dessa palavra tem o significado de confiança, e

¹² Considerada pela revista americana Times Magazine, uma das 100 pessoas mais influentes no mundo.

¹³ Trecho retirado do livro *Sejamos todos feministas*, versão modificada e traduzida de uma palestra proferida por Adichie no TEDxEuston, conferência anual com foco na África, em dezembro de 2012.

¹⁴ We should all be feminist- Chimamanda Ngozi Adichie:
<https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>.

¹⁵ TEDX Talks:< www.youtube.com/user/TEDxTalks>.

¹⁶ Girl Power: Palavra em inglês que, em tradução livre para o português, fica: Garota Poderosa.

autonomia pessoal e financeira, independentemente dos homens. Já em seu texto *A mulher poderosa: construção de uma vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileira*, a escritora Tatiane Leal (2015), relata que algumas meninas acham que esse termo não representa as ações feministas e sim cria uma imagem midiática e estética, de que para ser “Girl Power” tem que ser bonita e poderosa por meio do consumo, desvinculado dos fundamentos da luta feminina.

São múltiplas as compreensões sobre o que é, e o que defende o feminismo. Talvez seja pela diversidade de cultura, religiões ou até mesmo política, que esses entendimentos sobre o mesmo assunto sejam tão vastos.

3.2. Os Primórdios do Feminismo

3.2.1. Primeira Onda Feminista

Desde o início das manifestações feministas na Revolução Francesa, em 1789, as mulheres já lutavam por liberdade e direitos igualitários, como instrução, a possibilidade de exercer uma profissão e, principalmente, o direito ao voto, ressalta Maria Elizabeth Carneiro.

Na *Vindication of the Rights of Woman* (Reedificação dos Direitos das Mulheres) em 1792, o feminismo liberal ganha expressão na legislação que defende igualdade de educação, salário e oportunidade para as mulheres. Também chamado de Feminismo científico, empirismo feminista ou feminismo da igualdade, foi princípio orientador da doutrina de ação que possibilita o ingresso das mulheres nas profissões, com base na discussão que procurou estender os “direitos do homem” às mulheres, conforme pressupostos do liberalismo. (CARNEIRO, 2015, p.244-254).

Em 1790, a revolucionária Olympe de Gouges lutava pelos direitos iguais aos dos homens, e buscava o direito de, direta e indiretamente, participar das formulações de leis e da política em geral. Para o autor Jean Antoine Nicolas de Caritat Condorcet, o ato de Olympe é marcado como a “*primeira manifestação feminista*” da história.

“É necessário que as mulheres tenham a mesma instrução que é dada aos homens”:
1º. Para que [elas] possam controlar a instrução que é dada aos seus filhos. [...] 2º. Porque a falta de instrução dadas às mulheres introduziriam nas famílias uma desigualdade contrária à felicidade. [...]; 3º. Porque é um meio de se fazer os homens conservarem os conhecimentos que adquiriram em sua juventude. [...]; 4º. Porque as mulheres têm o mesmo direito que os homens à instrução pública. (CONDORCET, 2008, p.58-60).

No Brasil, em concordância com a Mestra em Filosofia da USP, Djamila Ribeiro (2014), a primeira onda feminista teve início no século XIX, e as mulheres lutavam pelo direito ao voto e à vida pública. Nasce em 1922 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que batalhava pelo fim da posse dos maridos pelas mulheres, exigindo o término da autorização dos cônjuges para trabalhar e também pelo sufrágio feminino.

O sufrágio foi um movimento em várias partes do mundo, em prol do voto feminino. Segundo a escritora Mônica Karawejczyk (2013), esse termo é empregado na luta das mulheres ao direito do voto entre os séculos XIX e XX. Esse movimento teve início na Inglaterra, principalmente pela grande rejeição do governo de conceder o sufrágio feminino, como destaca a professora da *University of Madeira* de Portugal e escritora Maria Zina Gonçalves de Abreu, que tenta em seus livros reforçar a visibilidade à mulher como sujeito na história da humanidade e enfatizar o contexto histórico feminino que foi remetida.

As sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim. (ABREU, 2002, p.460).

Para Karawejczyk (2015), uma das mais conhecidas ações das sufragistas na Inglaterra teve início em 1903, em Manchester, por Emmeline Pankhurst e ganhou o nome de Woman's Social and Political Union (WSPU). O grupo de Pankhurst atingiu mais sucesso em divulgar o movimento pró-sufrágio no mundo, também o mais lembrado pela luta feminina, tornando-as conhecidas mundialmente por *suffragettes*. Elas frisavam a exaltação das qualidades da mulher, a força moral em oposição masculina, e também discordavam do papel da mulher na sociedade naquela época. A partir de 1908, as *suffragettes* adotaram o uso de cores para diferenciar-se da população. As cores escolhidas pelas feministas foram: violeta, que representava a dignidade; o branco, que representava a pureza; e o verde, a esperança. Assim se diferenciavam e representavam o movimento perante a sociedade.

As sufragistas inglesas carregavam o lema de “Ações e não palavras” e eram conhecidas por usarem métodos como passeatas até ações mais agressivas, como atear fogo a caixas de correios, quebrar vidraças de lojas, interromper discursos políticos, entre outros. Esse período também foi conhecido como o mais violento; as militantes da WSPU realizavam ações agressivas, como a ação da quebra da vidraça da casa do primeiro ministro em Downing Street.

Karawejczyk (2015) ressalta que no ano de 1912 muitas femininas do movimento foram presas, algumas delas protestavam praticando greve de fome dentro da prisão, resultando em uma forte guerra dentro das celas entre presas e policiais que as forçavam a se alimentar. Só um ano depois, em 1913, o governo sancionou uma lei que se chamava “The Cat and Mouse Act”, em que permitia que as presas que realizavam o ato de greve de fome recebessem auxílio e cuidados em suas moradias.

Ainda na Inglaterra, em 1917 um novo projeto foi apresentado na Câmara dos Comuns com o pedido de voto para mulheres maiores de 30 anos. Com um longo debate sobre o assunto, quase um ano depois, em janeiro de 1918, a lei foi concedida. Mas apenas 10 anos depois da aprovação da lei, em 1928, ela foi aprovada para homens e mulheres maiores de idade. Para Karawejczyk (2013), essa conquista do movimento das sufragistas influenciou o primeiro movimento feminista no Brasil.

3.2.1.1. Simone de Beauvoir

A autora e ícone na luta feminina, Simone de Beauvoir, surge ainda na primeira onda feminista, como uma das primeiras escritoras a falar dos direitos das mulheres na história, segundo as autoras, Giovana Dalmás e Natália Pietra Méndez (2015). Em 1949, vinte anos após tornar-se professora de filosofia, Simone, escreve sua primeira publicação: *O Segundo Sexo (Le deuxième sexe*, no título original, em francês). Sua primeira publicação, segundo Dalmás e Méndez (2015), gerou uma mutação de gêneros em todo continente europeu, principalmente na França, onde a desigualdade entre gêneros era grande. As mulheres apoiadoras da causa na época eram punidas e tinham suas cabeças raspadas em público.

A primeira publicação de Simone, além de vender mais de um milhão e meio de cópias, marcou uma era do século XX, e influenciou outras gerações, principalmente na luta pela igualdade feminina. A filósofa questionava em seu primeiro livro “o que é uma mulher?”. O primeiro volume de *SS (O Segundo Sexo)* abordava sobre a condição histórica da mulher, construía uma identidade feminina a qual até então, ninguém buscava entender. Dalmás e Méndez (2015), também afirmam que a autora ressaltava temas como a submissão das mulheres.

Com o slogan “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Simone escreve seu segundo volume da sua obra *O Segundo Sexo II*. Dalmás e Méndez (2015), evidenciam que

Beauvoir propõe, com esse slogan, como as experiências vividas por homens e mulheres nas dimensões do indivíduo e da vida social que o efetivam, o alçam à condição de real. Também, destaca a importância do trabalho na vida dos seres humanos, principalmente na das mulheres, que é pelo trabalho que o humano criou sua autonomia.

Simone acreditava que a diferença biológica das mulheres, como a gestação e a amamentação são culturalmente relacionadas às funções inferiores, e talvez essa seja uma das maiores contribuições de Simone sobre a interiorização da mulher na sociedade. Ressaltava também que a mulher era criada e educada para ser passiva e aprender a aguardar o amor, para não perder sua feminilidade.

Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-las a estudar, a praticar esportes; mas perdoam-lhe mais que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade” (BEAUVOIR. 1980, p. 23).

A escritora levantou um debate sobre gênero e desigualdade entre eles, em uma época, em que esses tipos de assuntos não eram abordados, além de geral debate sobre isso, influenciou a primeira geração e onda feminista.

3.3. Segunda Onda Feminista

Logo a segunda onda feminista teve início, no ano de 1972, em plena crise democrática no país. Conforme, a mestra da USP, Djamilia Ribeiro (2014), surge o primeiro grupo feminista da história brasileira, formado por professoras universitárias, que lutavam contra a ditadura militar, pelo direito ao prazer feminino, pela valorização da mulher e contra a violência doméstica.

A luta feminista daquela época defendia questões relacionadas ao corpo feminino, violência doméstica, ao aborto e debates sobre política feminina. Conforme, Araújo, Bedin e Cittadino (2015), o lema que constituía aquele período era: *o privado é político*, pois, se falava muito naquela época sobre classes sociais e violência doméstica, que era um assunto intocável. As feministas reivindicavam o silêncio sobre esse debate e exigiam que esse tema fosse debatido publicamente e combatido. Era contestado também sobre o papel da esposa, mãe e dona do lar. As feministas reivindicavam o direito ao aborto e protestavam contra os comportamentos típicos exigidos de uma esposa, em que cuidar dos filhos e do marido era

serviço fundamental da mulher. Em 1979 no Rio de Janeiro aconteceu a primeira manifestação pró-aborto do país, no qual a liberdade sexual e poder sob o próprio corpo era debatido. Além dessa discussão, a segunda onda trouxe outro assunto relacionado, o direito feminino em escolher ter filhos e de se casar, que na época era fundamental na vida de uma mulher. Embora, muitas reivindicações foram feitas, para a escritora Joana Maria Pedro:

No Brasil, contudo, o movimento feminista já o teve participação direta na liberação dos contraceptivos para o uso. A ditadura militar, iniciada em 1962, impediu qualquer manifestação popular, assim como reuniões, associações, debates (PEDRO, 2003, p.254).

Realizado em Amsterdã/Holanda, o 4º Encontro Internacional de Saúde da Mulher, em 1984, debateu temas como a noção de direitos reprodutivos da mulher, o direito ao controle do seu próprio corpo e de poder de decidir sobre a sua reprodução sem coerção ou violência. Esse assunto foi trazido para o Brasil através das representantes do país que se encontravam no evento. Relata Debora Diniz, pesquisado sobre o aborto no Brasil.

O tema do aborto se cruza com o do planejamento reprodutivo, mas principalmente com ideias sociais sobre a maternidade e o feminismo. Mas, diferentemente de outras mudanças no campo reprodutivo, como as tecnologias reprodutivas ou a pílula do dia seguinte, o aborto se mantém escondido sob um manto de silêncio e tabu” (DINIZ, 2012, p. 323).

Nos anos 70, a violência doméstica no país preocupava as feministas, e o slogan *quem ama não mata*, era carregado nas manifestações. Esse debate iniciou as primeiras queixas desse tipo de violência no país, que passou a ser considerado crime somente em 2006, nomeada Lei Maria da Penha, nº 11.340 (ARAÚJO; BEDIN; CITTADINO, 2015).

3.4. Terceira Onda Feminista

Djamila Ribeiro (2014), também acentua que na década de 1990, surge a terceira onda feminista, em que questões feministas de gênero, raça, e econômicas entraram em debate, frisando as questões das mulheres negras, que não eram representadas nos movimentos feministas. Neste ponto, as mulheres negras e feministas frisavam que eram excluídas das lutas feministas, onde até então mulheres de classe média, com nível de educação avançado eram as que participavam dos debates feministas. Acentuam Araújo, Bedin e Cittadino (2015), que a partir daí as outras minorias feministas, como as negras,

lésbicas e trabalhadoras do meio rural, começaram a ganhar voz, momento em que as questões de gêneros e a pluralidade feminina foram acentuadas.

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da capacidade de superar as desigualdades geradas pela história hegemônica masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral, e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desempenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo a discussão tanto a questão racial como a da questão de gênero na sociedade brasileira. (CARNEIRO, 2001, apud NÃO ME KAHLO).

Em 1949, em seu livro “O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir já questionava essas questões ao dizer “não se nasce mulher, torna-se”. A problematização das questões sexuais e de gênero foi a marca da terceira onda. “O feminismo procurou em sua prática enquanto movimento superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo”. (ALVES; PITANGUY, 1991, p.8).

Apesar das três ondas terem fases bem marcadas, as categorizações teóricas das chamadas ondas femininas são rotuladas assim para um melhor entendimento nos estudos feministas, mas não podemos rotular a luta feminina em ondas, o feminismo não é somente feito por fases.

3.5. Quarta Onda Feminista e a Primavera Feminista

Recentemente, alguns grupos, como a Revista AzMina¹⁷ e Coletivo Não me Kahlo apontam que estamos vivenciando uma nova onda, que seria a quarta. Com a internet, vários coletivos, grupos e manifestações feministas nas redes sociais ganham voz e força. A força virtual feminina foca em derrotar o machismo e promover o empoderamento. Quem acredita também que estávamos vivenciando a quarta onda feminista é o documentarista americano, Robert Adanto, que destaca em seu novo documentário *The F Word*¹⁸ (a palavra F, no inglês), como artistas contemporâneos usam a internet para falar de feminismo. O documentário mostra que as feministas estão trazendo a quarta onda como uma forma de argumentar que a mulher seja livre para ser quem ela quiser ser, ressalta Adanto.

¹⁷ A Revista AzMina: <<http://azmina.com.br/>>

¹⁸ Documentário *The F Word*: <<https://vimeo.com/133657286>>

O ano de 2015 foi mundialmente conhecido como o ano da “primavera feminista”. O feminismo conquistou voz nas ruas, na internet, na mídia e na vida, principalmente, das mulheres.

É muito improvável que uma pessoa que está navegando pelas redes sociais queira parar para ler um artigo acadêmico de vinte páginas sobre o feminismo, não é? Porém, essa mesma pessoa estará disposta a assistir a um vídeo, a ver uma imagem ou a ler um texto menos que lhe interesse. Sendo assim, alguém que nunca tenha tido contato com o feminismo passa a tê-lo e a compreender melhor. Enquanto isso, pessoas que já tiveram um primeiro contato com o movimento podem se aproximar de assuntos que antes desconheciam ou analisa-los por uma nova perspectiva. (NÃO ME KAHLO, 2016, p.13).

Falar de feminismo sempre foi um tabu a ser discutido. Esse tipo de assunto tinha pouco espaço nos meios de comunicação e nas aulas de história em meio escolar. O tema não nasceu somente no ano de 2015, mas a internet abriu um leque sobre o que é ser feminista ou o que é feminismo, através de discussões e debates, por meio de *hashtags*¹⁹ nas redes sociais. Essas manifestações trouxeram para a sociedade as denúncias de violência sexual e doméstica, que aumentaram significativamente. Segundo o Coletivo Think Olga²⁰, o aumento de denúncias no disque 180, número exclusivo para a denúncia de violência doméstica, foi de 40% em 2015.

Mais do que servir à conscientização dos homens, porém, a *hashtag* se estabeleceu como uma forma de denúncia das situações pelas quais nós mulheres passamos, nos lembrando que não estamos sozinhas e que é possível, sim, levantarmos a voz (NÃO ME KAHLO, 2015, p. 15).

O Coletivo Think Olga, junto com a Agência Ideal, fez um infográfico²¹, em que mostrou que entre janeiro de 2014 e outubro de 2015, as buscas pelas palavras feminismo e empoderamento feminino tiveram um aumento de 86,7% e 354,5%, respectivamente. De janeiro de 2014 a outubro de 2015, as pesquisas sobre empoderamento cresceram de 70 para 3.600. Esses números mostram que desde que o feminismo começou a ser discutido nas redes sociais, o interesse pelo assunto só cresceu.

¹⁹ Hashtag: As hashtags aparecem como links clicáveis quando usadas em mensagens, bastando clicar sobre elas para ver todos os resultados relevantes; ela faz com que o conteúdo do seu post seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes, mesmo que eles não sejam seus seguidores ou fãs.

²⁰ Coletivo Think Olga é um projeto feminista criado pela Jornalista Juliana de Faria com o propósito de empoderar as mulheres por meio da informação e retratar as ações delas em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher <www.thinkolga.com>.

²¹ Infográfico Coletivo Think Olga: <<http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>>

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2015 propôs como tema da redação “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. O assunto gerou debates e ganhou espaços nas escolas do país. A temática levou à criação de campanhas como *#enemfeminista* e até criou polêmica e preconceito com a hashtag *#feminazi*²². A reação ao tema escolhido pelo MEC (Ministério da Educação) ganhou as redes. Um site reunindo publicações com teor machista sobre o tema foi criado, com o nome “Machistinhas do Enem²³”. Entre diversas manifestações, o tema da redação gerou aproximadamente 106 mil posts sobre o assunto nas redes sociais e ficou entre os assuntos mais comentados do Twitter no Trending Topics.

O próximo capítulo aborda como a internet pode colaborar nas conquistas femininas. Mostra também as ferramentas que os grupos e coletivos feministas usam hoje para debater sobre o assunto e aproximar mais pessoas do feminismo. Relata também que as manifestações feministas nas mídias sociais foram adotadas como uma maneira de popularizar os assuntos feministas para os usuários em geral, desconstruindo a má compreensão que o feminismo sempre teve perante a sociedade.

²² *#feminazi*: União das palavras: Feministas e Nazistas. Comparando as ações feministas com as manifestações nazistas.

²³ Machistinhas do Enem: <<http://machistinhasdoenem.tumblr.com/page/2>>

4. USOS DA INTERNET POR COLETIVOS E MOVIMENTOS FEMINISTAS

Os movimentos feministas não iniciaram suas manifestações através da internet, mas como tudo evoluiu, assim como a tecnologia por meio dos meios digitais e das redes sociais, as manifestações e criações de coletivos feministas se multiplicaram.

A internet tem o poder de unir pessoas do mundo todo. Esses meios digitais facilitaram o modo das pessoas buscarem mais sobre qualquer tipo de assunto, seja moda, gastronomia, política e até sobre o feminismo. A criação de sites, blogs e plataformas que permitem interação através de vídeos, faz com que as pessoas tenham mais entendimento sobre qualquer tipo de assunto. Assim, como toda essa praticidade é capaz de unir quem está longe, os coletivos feministas começaram a fortalecer-se e criar vínculos maiores por meio das redes sociais. A capacidade de interatividade por trás das redes sociais beneficiou a criação de coletivos feministas e manifestações através da internet, contrastando com os antigos meios de interação e criação de grupos que lutavam pelos direitos da mulher.

A criação de grupos feministas nas redes sociais, as inúmeras páginas criadas para discutir o tema e a criação de sites e blogs, faz com que as pessoas saibam mais sobre o que é o feminismo. Criando assim debates sobre o feminismo, trocas de culturas entre as mulheres, desabafos virtuais e uma criação de vínculos entre as participantes desses coletivos. Os principais debates que essas páginas discutem são as manifestações machistas que a sociedade ainda vive. Com isso, vários debates sobre machismo, feminismo, violência sexual e doméstica vem ganhando mais espaço e criando mais debates sobre esses assuntos na internet e fora dela.

Esses debates ganham maior visibilidade por meio das *hashtags* (símbolo usado por #) usadas pelos usuários. Esse símbolo permite que os conteúdos debatidos sejam localizados por qualquer seguidor que se interesse pelo assunto. As *hashtags* surgem como links que os usuários podem clicar e automaticamente são direcionados ao assunto pesquisado, fazendo que essas interações não fiquem limitadas a um número “x” de seguidores. Esse recurso fez com que os debates feministas saíssem dos coletivos e fossem vistos por um número de usuários maior. Ganhou mais visibilidade sobre os assuntos debatidos e gerando mais usuários interagindo sobre assuntos do teor feministas.

A hashtag trouxe a público relatos de diversas situações de preconceito e desigualdade entre gêneros que passam despercebidas. A repercussão foi expressiva o suficiente para que milhares de postagens tornassem ainda mais evidentes os intocáveis casos cotidianos no país. (NÃO ME KAHLO, 2016, p.1).

Em torno desses debates e criações de manifestações feministas através de *hashtags* sobre o assunto, foi criado o MAMU²⁴ (Mapa de Coletivos de Mulheres) que é um projeto de mapeamento de organizações, coletivos, movimentos, grupos e entre outros projetos feministas no país. Segundo o MAMU, o principal objetivo é dar mais visibilidade e espaço para projetos desse meio, criando conexões com quem conhece e quer participar de algum grupo feminista e também abraçar pessoas que não conhecem as ações feministas que acontecem no país.

Além de conhecer inúmeros coletivos, manifestações e grupos feministas no país, o site do MAMU também possui a oportunidade de qualquer usuário cadastrar²⁵ coletivos e projetos feministas novos em qualquer região do país, fazendo com que mais ações feministas tenham visibilidade e conhecimento de novos usuários e gerando um aumento de conhecimento sobre o assunto e também mais visibilidade para os coletivos.

4.1 #Chegadefiufiu

Criada em 2013, a campanha “Chega de Fiu Fiu” é considerada uma das primeiras manifestações em mídias sociais para combater o assédio sexual em ambientes públicos. Fundada pelo coletivo feminista Think Olga, começou com imagens ilustrativas com mensagens sobre esse tipo de violência, que foram compartilhadas por milhares de usuários. Assim, gerando uma grande manifestação nas redes sociais sobre o assunto.

A jornalista Karin Hueck elaborou um estudo online²⁶, lançada pelo coletivo Think Olga para investigar as mulheres sobre o assédio sofrido nas ruas. Com 7762 participantes, onde 99,6% afirmam que já foram assediadas. O resultado desta pesquisa concluiu que 98% dos assédios públicos acontecem na rua, 64% em transportes públicos, 77% na balada, 33% no trabalho e 80% em locais públicos como parques, cinemas, lojas e shoppings. E também mostra que 90% das mulheres trocam de roupa pensando no lugar que vai, por medo de assédio, 82% já foram agarradas a força na balada e 81% das mulheres já deixaram de ir e/ou passar por um lugar por medo de ser assediada.

Depois dessa pesquisa, foi criado o aplicativo “Mapa Chega de Fiu Fiu”.²⁷ A ferramenta funcionada para tornar as cidades mais seguras para as meninas, que andam

²⁴ Site MAMU: <<http://www.mamu.net.br/>>

²⁵ Cadastro Mamu: <http://www.mamu.net.br/?page_id=237>

²⁶ Pesquisa Think Olga: <<http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa>>.

²⁷ Mapa chega de Fiu Fiu: <<http://thinkolga.com/2014/04/22/conheca-o-mapa-chega-de-fiu-fiu/>>.

sozinhas pelas ruas. Relacionar geograficamente os locais e cidades onde mais acontecem o assédio verbal e buscar soluções. No site www.chegadefiufiu.com.br as vítimas podem compartilhar uma história e também denunciar algum ato de assédio verbal público.

Figura 1 - Usuária manifestando sua opinião através de post pelo Twitter pela *hashtag* Chega de FiuFiu.



Fonte: Twitter, *hashtag* Chega de FiuFiu.

O coletivo Think Olga acabou se tornando uma referência contra o assédio feminino no Brasil. Além de diversas manifestações e ações contra esse tipo de violência, criou junto com o Ministério Público de São Paulo uma cartilha informativa contra o assédio sexual, verbal, doméstico e qualquer outro tipo de violência contra a mulher no país. O coletivo também produziu o “Manual do Jornalismo Humanizado”²⁸, onde aborda dicas para jornalistas e veículos de comunicação de como tornar uma notícia mais respeitosa e sem conter nenhum tipo de preconceito, respeitando a diversidade.

4.2. #PrimeiroAssédio

A campanha em meio digital #primeiroassédio teve início em função do Reality Show MasterChef Júnior, programa culinário em que crianças disputam para ver quem é o melhor *chef* juvenil. A primeira temporada do programa no Brasil foi marcada por inúmeros

²⁸ Manual do Jornalismo Humanizado:< <http://thinkolga.com/2016/05/30/minimanual-do-jornalismo-humanizado-pt-i/>>.

comentários de teor sexual via mídia social direcionados à participante de 12 anos, Valentina. Comentários como "se tiver consentimento é pedofilia?", "com doze anos ela vai virar secretária de filme pornô", "a culpa da pedofilia é dessa molecada gostosa", "essa Valentina fazendo esses pratos: que vagabunda!". A maioria dos comentários foram feitos através do Twitter por homens.

Com a repercussão do caso nas mídias sociais, a jornalista Carol Patrocínio escreveu um texto que refletia os comentários maldosos dos internautas, intitulado: Quando uma menina de 12 anos no MasterChef Jr desperta o desejo de homens adultos precisamos falar sobre a cultura do estupro.

Vamos deixar algo claro desde o começo: qualquer tipo de relação de natureza sexual com uma criança é estupro. Uma criança nunca pode ter uma relação sexual consensual porque ela é criança e não pode tomar esse tipo de decisão. Por lei. Vamos dar o nome certo às coisas. Aqui não estamos falando de pedofilia, que é uma doença que pode ser tratada antes que a pessoa cometa qualquer crime--seja ele consumir pornografia infantil ou o estupro. Nenhum desses homens que comentou sobre a MasterChef é doente, eles apenas acham que têm o direito de falar absurdos como esse porque olham para ela e não enxergam uma criança, mas uma mulher. (PATROCÍNIO, 2016, s-p.).

A partir desse texto o coletivo Think Olga se manifestou contra ao assédio, principalmente o infantil, criando a #primeiroassedio no Twitter, justamente a mídia social em que teve início os comentários de teor sexual à criança Valentina. O foco principal dessa hashtag era incentivar as mulheres a contar como e quando haviam sido assediadas pela primeira vez. Até na manhã do dia seguinte, em que a campanha foi lançada, já havia mais de 2,5 mil tweets de histórias sobre assédio.

Figura 2 - Post de usuária de Twitter engajada na campanha Meu Primeiro Assédio.



Fonte: Twitter, campanha Meu Primeiro Assédio.

4.3. #AmigoSecreto

Com menos de 48 horas com a *hashtag* no ar, a campanha tinha milhares de apoiadoras, com o objetivo de incentivar as mulheres a expor comportamentos invasivos, abusivos e sexuais que já haviam passado e que, embora configurassem opressão de gênero, eram considerados como “brincadeira” pela sociedade. A iniciativa da campanha foi tomada no final do ano, pelas criadoras do Coletivo Não Me Kahllo, Bruna de Lara, Bruna Rangel, Gabriela Moura, Paola Barioni e Thaysa Malaquias, e foi considerada uma “brincadeira” de Natal. “A *hashtag*, criada em novembro de 2015, não surgiu de uma campanha planejada, mas sim de uma construção coletiva e espontânea. (NÃO ME KAHLO, 2015, p.15).”

As manifestações pelas redes sociais, principalmente pelo Twitter e Facebook foram gigantescas. Segundo as fundadoras do Coletivo, nessa campanha, as mulheres contavam suas histórias, sem indicar quem era a figura opressora, mas geralmente masculina. Então, usavam o termo “meu amigo secreto” para referir-se a este homem, sem identificá-lo. Em geral o opressor era alguém próximo como, pai, tio, amigo dos pais, chefe, entre outros.

Imediatamente após a publicação dos tweets, nossas seguidoras começaram a nos mandar as próprias histórias. Depois, postamos um desses tweets na nossa página do Facebook e perguntamos: o que vocês fariam para o seu amigo secreto? Recebemos vários comentários seguindo o mesmo formato. Foi apenas no dia seguinte, porém, que ficamos sabendo da dimensão a que aquilo havia tomado. Transformaram “meu amigo secreto” em *hashtag* e, por meio dela, milhares de mulheres estavam compartilhando seus relatos, interagindo e se conectando com as histórias umas das outras. (NÃO ME KAHLO, 2015, p.15).

Para as autoras da campanha, a *hashtag* acabou se transformando em algo muito maior. A manifestação nas redes sociais passou a ser uma forma indireta de falar sobre os inúmeros tipos de abusos que as mulheres sofrem, tantos verbais quanto sexuais. A *hashtag* uniu vários relatos em que, além das mulheres se identificarem com as histórias, homens também reconheciam fatos semelhantes, que já haviam passado ou causado, frisa o Coletivo.

Figura 3 - Postagem de usuária do Twitter, manifestando sua opinião através da manifestação Amigo Secreto



Fonte: Twitter, manifestação Amigo Secreto.

A campanha tem como foco principal incentivar a denunciar o machismo, a violência doméstica, e abusos do dia a dia contra a mulher. De acordo com o IPEA²⁹ (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) no Brasil estima-se que aproximadamente 10 mil mulheres são mortas por ano por violência. A cada 11 minutos, uma mulher é estuprada no país, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A mulher que está em uma relação abusiva precisa repetir para si mesma: a culpa nunca é da vítima. NUNCA. Talvez, racionalmente, ela até saiba disso, mas tenha dificuldade em realmente sentir que o único culpado é o agressor. É, depois de meses ou anos sendo culpada por tudo que acontece em seu relacionamento, não é de surpreender que se sinta dessa forma. Especialmente porque, se pararmos para pensar, não é só o agressor que apronta o dedo para ela. A sociedade faz isso com as mulheres o tempo todo. (NÃO ME KAHLO, 2015, p.189).

As organizadoras do projeto Coletivo Não me Kahlo, defendem a ideia como um marco na sociedade para que esse tema ganhe voz e poder. É importante que seja debatido entre a família, na escola, no trabalho, pois ainda somos consideradas como o sexo frágil.

Interessada em estudar e entender melhor como essas manifestações feministas através das *hashtags*, #chegadefiuuiu, #meuprimeiroassédio e #amigosecreto, podem ajudar no empoderamento feminino, realizei a aplicação e análise de um questionário, que será descrito no próximo capítulo.

²⁹ Pesquisa do IPEA sobre violência doméstica:
<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=24610>.

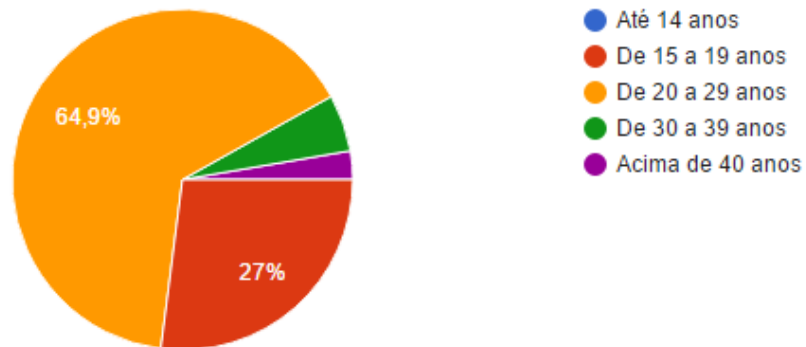
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

Para conseguir o objetivo de investigar como as diversas manifestações de grupos e coletivos feministas na internet contribuíram para o empoderamento feminino, foi adotada então a elaboração de um questionário na própria internet para saber o que as pessoas acham sobre as campanhas feministas e como elas avaliam esse tipo de manifestação. A amostra desse procedimento foi intencional, pois o questionário foi enviado para as participantes em um link com o questionário proposto. A montagem do questionário foi feita por meio da ferramenta do Google, chamada Google Docs, que permite que o questionário seja elaborado e enviado para um grande público por um link apenas. Realizei um grupo controle, antes de enviar para o grande público, passei para o grupo controle, em que solicitei que realizassem o questionário, e assim elas responderiam as questões e fizessem os apontamentos de melhorias e observações. No qual, nada foi argumentado para mudanças. A partir disso então, foi encaminhado para um grande número de meninas e grupos de coletivos feministas, por meio das redes sociais. Recebi 75 respostas para fazer a análise final.

O questionário consta com 9 perguntas abertas e fechadas. Obtivemos o retorno de 75 participantes, todas do sexo feminino. A metodologia para a análise é qualitativa e quantitativa. Qualitativa, pois dei espaço para dar opinião nas questões abertas. E quantitativa e intencional, pela quantidade de questionários enviados e também porque sugeri algumas meninas para responder. Segundo as participantes do grupo de controle, o questionário levou de 5 a 10 minutos para ser respondido, com a opção de ser ou não identificada. Dessas 75 participantes, apenas uma delas não quis identificar sua idade. A maior parte das mulheres que responderam, 64,9%, estão na faixa dos 20 a 29 anos. Veja a baixo o resultado:

Tabela 1 - Idade das mulheres entrevistadas

Idade: (74 respostas)

**Fonte:** Dados conforme a pesquisa

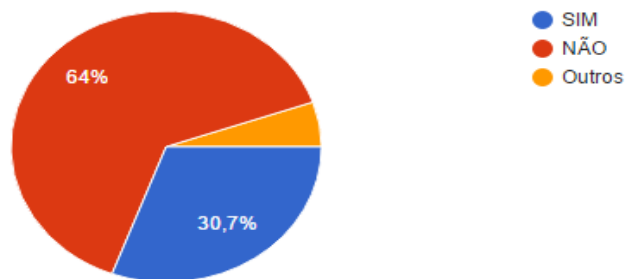
A próxima questão feita obteve 75 respostas e continha a seguinte pergunta: Quando houve a mobilização nas mídias sociais com as hashtags #chegadefiufiu, #amigosecreto e #meuprimeiroassédio, você participou? Se sim, qual? Apenas 30,7% das pesquisadas já haviam participado de alguma manifestação feminista nas redes sociais. E 5,3% de outras manifestações. Contraponto o objetivo inicial da pesquisa, percebemos que a maior parte que respondeu esse questionário não participou de nenhuma ou de nenhum tipo de manifestação feminista que ocorreu na internet. O questionário foi divulgado na internet, além de minha página pessoal do Facebook, em grupos feministas nas redes sociais, mas localizados na região de realização do trabalho, Ijuí e Santo Ângelo, por isso o questionário foi divulgado para os grupos Coletivo Sou Minha de Ijuí e o Grupo FEMEA de Santo Ângelo. Embora o questionário fosse sobre a participação nas campanhas, a maior parte não havia participado, o que nos leva a questionar: onde estão estas manifestantes? Pode ser porque a região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, escolhida para ser feito esse questionário, não seja uma capital ou tenha cidades maiores, onde ocorre a maior parte de manifestações, seja na internet ou nas ruas. Talvez possa ser pela região em que essas mulheres vivem, que são cidades pequenas de interior, onde o preconceito é mais evidente do que em cidades grandes e expor a opinião na internet pode ter consequências na vida cotidiana. As hipóteses são inúmeras. Mas esse tipo de trabalho às vezes acaba nos surpreendendo e trazendo questões maiores e mais ricas do que a do ponto de partida. Esses dados não desvirtuam o resultado final da pesquisa,

pois, para obter o objetivo do questionário não era preciso ter participado das manifestações nas redes sociais.

Ao perguntar sobre a participação dessas mulheres nas manifestações feministas nas redes sociais através dessas *hashtags*, das 75 pesquisadas apenas 25 mulheres responderam quais manifestações participaram nas redes sociais, o que está relacionado com o fato de que apenas 30% do total declarou ter participado das manifestações. Entre elas 60% respondeu que havia participado da manifestação #AMIGOSECRETO, 24% delas da #PRIMEIROASSÉDIO e com 16% das participantes a #CHEGADEFIUFU.

Tabela 2 - Questão sobre a participação nas manifestações.

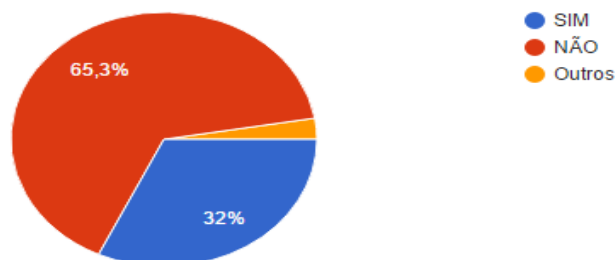
1- Quando houve a mobilização nas mídias sociais com as *hashtags* #chegadefiufiu, #amigosecreto e #meuprimeiroassédio, você participou?
(75 respostas)



Fonte: Dados conforme a pesquisa

Tabela 3 - Porcentagem da questão 2 do questionário.

2- Você expôs sua opinião ou alguma vivência por meio dessas *hashtags*?
(75 respostas)



Fonte: Dados conforme a pesquisa

Na tabela de número 3 a seguinte questão foi proposta: Você expôs sua opinião ou alguma vivência por meio dessas *hashtags*? A grande parcela das mulheres respondeu que não haviam exposto suas opiniões por meios das *hashtags* propostas no questionário, ficando com 65,3% das respostas. Se a grande parcela das mulheres que responderam o questionário não havia participado de das manifestações feministas #AMIGOSECRETO, #CHEGADEFIUFUIU e #PRIMEIROASSÉDIO, portanto, a grande parte delas também não opinaram sobre o assunto por meio da internet. Das 75 mulheres questionadas, 21 delas expuseram uma opinião ou vivência sobre a questão feita.

As respostas sobre o compartilhamento nas redes sociais foi que a grande maioria afirmou que expôs sua opinião mediante compartilhamentos sobre o assédio verbal. Afirmaram que sofrem constantemente esse tipo de violência, principalmente nas ruas, como piadas machistas e comentários de teor sexual. A maioria das mulheres questionadas afirmaram que se sentem envergonhadas na maioria das vezes. Muitas salientam que se sentem invadidas e menosprezadas com esse tipo de assédio. Além de assédio verbal, houve relatos no questionário em relação ao assédio sexual, em que algumas meninas relatam histórias em que foram tocadas na rua por desconhecidos e se sentiram violadas e indefesas com o ato. Uma das entrevistas relata que foi já foi tocada à força sem consentimento por um homem. Dessas 21 meninas que responderam, 7 delas afirmaram que já sofreram algum tipo de assédio, tanto verbal quanto físico. Os nomes das entrevistadas são fictícios, o método utilizado foi de usar nomes de “grandes mulheres” e “feministas”, para preservar a imagem das entrevistadas.

Tabela 4 - Opinião das entrevistas sobre assédio.

<i>Sou fotógrafa e neste meio (assim como em todos) o machismo dá as caras. O que relatei no facebook com a hashtag #amigosecreto foi a quantidade de homens fotógrafos que fotografam mulheres estereotipadas e principalmente com olhar de homem, olhar machista. Sempre peitos e bundas muito a mostra e nenhuma mulher negra, nenhuma mulher gorda. Todas muito secas, brancas e com o corpo e rosto de "mulher ideal". Inclusive existem muitos casos de fotógrafos homens que abusam das mulheres que se dispõem a ser fotografada por eles. (OLGA)</i>
<i>Citei a primeira vez que um homem me parou na rua, eu estava no ensino fundamental e ele queria tomar um sorvete comigo, inventou uma história, inventando um aluno do meu colégio pois eu tava de uniforme, eu percebi que era treta e fui à loja da minha tia, o cara me seguiu. (FRIDA).</i>
<i>Compartilhei sobre as formas que somos assediadas e o quanto algumas pessoas acham isso "normal", do quanto nossa sociedade segue sendo machista e opressora. (TERESA).</i>
<i>Compartilhei o assédio que as mulheres vivenciam nas ruas caminhando sozinhas, que é algo que acontece com muita frequência e os homens acham normal assediar mulheres verbalmente. Lembrando que não importa a idade que a vítima tenha. (JOANA)</i>
<i>Compartilhei uma situação que aconteceu comigo. Quando um homem me agarrou na parada de ônibus e passou a mão no meu corpo. (MARIA)</i>
<i>Expus minha opinião, sobre o quão absurdo e, ainda assim, rotineiros são esses "pequenos" assédios. (HELENA)</i>

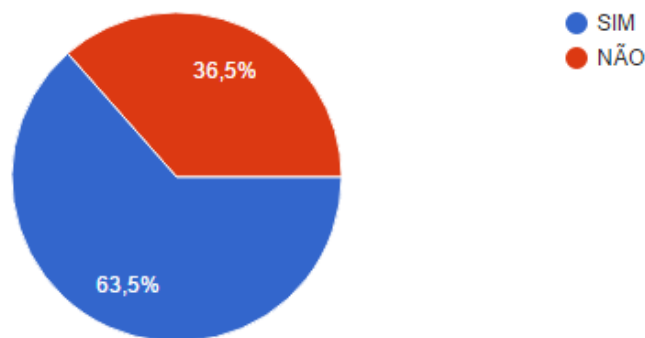
Fonte: Dados conforme a pesquisa

Ao perguntar se as participantes julgavam que sua opinião poderia ter algum impacto na sociedade para combater o machismo, das 75 das pesquisadas, apenas 1 não quis se manifestar. Entre as que responderam, 63,5% julgaram que sim, e o restante que não. A questão, com mais respostas positivas, contrastou com as duas primeiras questões, em que o maior número das porcentagens era de negação.

Tabela 5 - Questão sobre a opinião exposta para a sociedade

3- Você acha que sua opinião teve algum impacto na sociedade para combater o machismo?

(74 respostas)



Fonte: Dados conforme a pesquisa

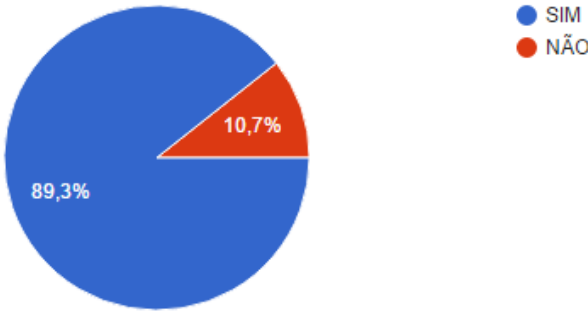
Ao indagar sobre se já foram chamadas de feministas em tom pejorativo ou em forma de xingamento, 52% disseram que nunca tinham se sentindo assim. E 36 das pessoas questionadas afirmaram que já sentiram que o termo foi usado com tom insultuoso e mal-intencionado, ficando com 48% das respostas.

Quando questionadas sobre se o feminismo é pauta nos meios de comunicação de massa atualmente, 67 pessoas responderam que sim (tabela 6) e apenas 10,7% disseram que não veem esse tipo de conteúdo sendo discutido nos meios de comunicação de massa. De imediato, na tabela 6, 80% das respostas apontaram que a internet é o meio onde é mais discutido o feminismo nos dias de hoje. As feministas encontram espaços na internet, para compartilhar histórias, vivências e um lugar onde podem se sentir seguras e sem julgamentos, criando vínculos maiores com cada membro pertencentes.

Tabela 6 - Meios de comunicação onde o feminismo é discutido atualmente.

4- Você percebe assuntos relacionados ao feminismo em pauta nos meios de comunicação de massa atualmente?

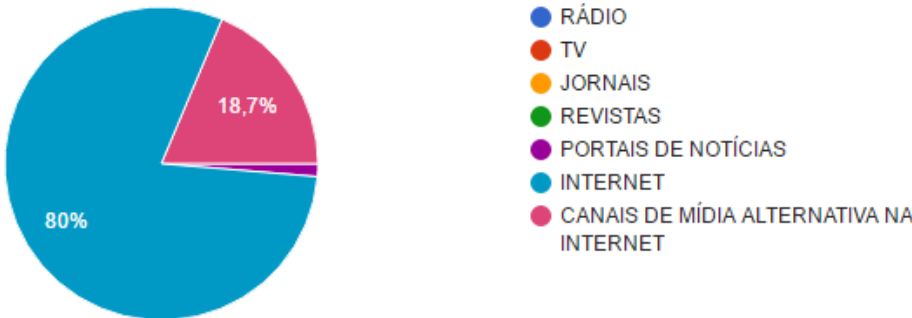
(75 respostas)



Fonte: Dados conforme a pesquisa

Tabela 7 - Mídias onde pautas como o feminismo é percebido

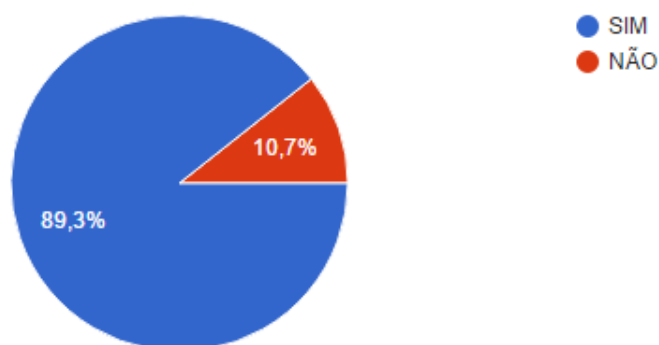
5- Em quais mídias você percebe mais pautas feministas? (75 respostas)



Fonte: Dados conforme a pesquisa

Tabela 8 - Número de meninas que já foram assediadas nas ruas ou redes sócias.**6- Você já foi assediada na verbalmente nas redes sociais ou na rua?**

(75 respostas)

**Fonte:** Dados conforme a pesquisa

Na tabela de número 8, temos a porcentagem de quantas mulheres questionadas foram verbalmente assediadas, tanto na rua quanto nas redes sociais. Seja verbal ou fisicamente, 89,3% responderam que já foram assediadas.

Ao questionar se elas se sentiram incomodadas, 61 responderam que sim. Entre as que expuseram sua opinião, a maior parte das meninas salientaram que se sentiram incomodadas e com nojo do ato. O medo é o principal sentimento que elas relatam, a sensação de impotência e de humilhação é frisada em quase todos os depoimentos. Além dos inúmeros relatos de assédio na rua e em lugares públicos, houve duas mulheres que relataram assédio no meio de trabalho, tanto por colegas, quanto pelo chefe, e confessaram que tinham medo de denunciar o assédio e perder o emprego. A ansiedade e crises de insônia também é uma das consequências que os questionamentos expuseram sobre esse tipo de violência. O assédio é algo tão constante nas vidas dessas mulheres que algumas disseram que já acostumam, mas o constrangimento acaba sendo sempre das vítimas e nunca dos homens que realizaram o ato.

Tabela 9 - Respostas ao questionamento sobre assédio verbal e físico.

<i>É invasivo demais, eu me sinto mal pela forma que falam. Os homens não têm respeito algum por mulheres que passam na rua de calça justa ou short, isso é horrível, fora que dá medo até de olhar para a pessoa, porque não se sabe a atitude que esta pessoa pode tomar. (FLORA)</i>
<i>A situação é de desconforto total. Nos sentimos impotentes, sem saber o que exatamente temos ou podemos fazer. É incrível como a sociedade/escola/cultura de massa não. Nos prepara para nos defendermos. (FRIDA)</i>
<i>Sim, fiquei muito incomodada. A primeira vez que fui assediada foi no ambiente de trabalho e a sensação que eu tinha era de medo. Medo principalmente de denunciar e perder o emprego. Era muito jovem e precisava</i>

<i>muito trabalhar. Se acontecesse hoje em dia, sem dúvidas tomaria providências mais drásticas. (AUDREY)</i>
<i>Nunca esperamos que isso vá acontecer e quando acontece é chocante e nos deixa sem reação imediata. Mas depois é como se eu não tivesse controle sobre o teu corpo ou ser mulher, é como se ele tivesse ali para quando o homem quiser passar a mão. (SIMONE)</i>
<i>O assédio físico, mental e psicológico acontece todos os dias com as mulheres, e sofri sim assedio verbal, além da insegurança, medo, nos sentimos fracas, pelo medo tomar conta e não conseguirmos fazer nada! (ZAKIA)</i>
<i>Já fui assediada verbalmente e fisicamente na rua. Além do assédio verbal que já é uma coisa horrível pois a gente se sente um pedaço de carne passando por uns bichos famintos na rua. Uma vez quando era mais nova e voltava para casa a pé do colégio, um ciclista veio atrás de mim e sem que eu tivesse tempo de perceber passou a mão na minha bunda e saiu correndo com a bicicleta. Me senti tão mal que só conseguia chorar desde lá sempre ando na rua me cuidando e olhando toda hora para trás e para os lados, a sensação é horrível me senti extremamente mal. (DAIANA)</i>

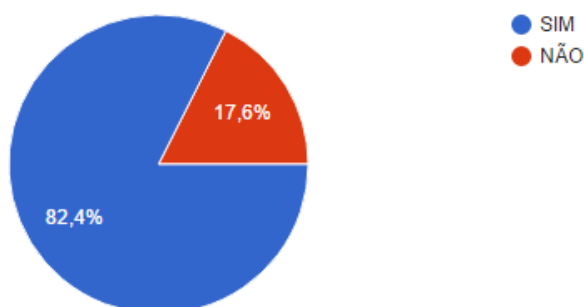
Fonte: Dados conforme a pesquisa

O ponto principal da análise está na questão na tabela número 10. Se as mulheres participantes do questionário acham que as manifestações através das campanhas, #AMIGOSECRETO, #PRIMEIROASSÉDIO e #CHEGADEFIUFUIU, podem colaborar com a luta pela igualdade de gênero. A maior parte, 84,4% das participantes acham que as campanhas desse teor podem sim ajudar na luta feminista.

Tabela 10 - Xingamentos e tom pejorativos sobre ser feminista.

8- Você acha que esse tipo de manifestação, como as hashtags #chegadefiufiu, #meuamigosecreto e #meuprimeiroassédio pode colaborar com a luta pela igualdade de gênero.

(74 respostas)



Fonte: Dados conforme a pesquisa

Ao perguntar como as *hashtags* podem colaborar para o empoderamento feminino, 53 das participantes expuseram sua opinião, o que representa 70,6% da amostra da pesquisa. Das 53 respostas, todas mencionaram que essas ações são muito importantes para o

empoderamento da mulher, que a divulgação dessas ações faz com que as pessoas saibam mais sobre o assunto e que relatos de assédio, violência doméstica, física e o machismo em geral seja divulgado. Tornando esses atos públicos, muitas das participantes do questionário acreditam que cresça o número de denúncias e conscientização sobre a importância do feminismo. Outras acreditam a falta de informação é o principal ponto para os inúmeros atos machistas, que a grande maioria da sociedade não sabe o significado e a história da luta feminina e vê o feminismo como algo negativo. O direito a igualdade de gênero é o principal ponto debatido.

Tabela 11 - Opiniões das pesquisadas sobre a importância do empoderamento.

<p><i>Acho que a situação se torna mais visível quando você escuta detalhes acerca dos abusos. Que o machismo existe e que as mulheres são, quase que diariamente, violadas em razão do sexo não é, ou não deveria ser, novidade. Contudo, quando se conta abertamente (redes sociais) como ocorreu e como a pessoa se sentiu, por exemplo, acaba dando ao assunto a atenção que ele merece. Além disso, acho importante porque mostra, principalmente para os homens, que os abusos não estão longe de nós, as manifestações demonstram que o assédio está acontecendo com sua colega de faculdade, com sua prima, sua irmã e isso, no meu ponto de vista, causa um impacto maior e, conseqüentemente, contribui para a luta contra o machismo. (OLYMPE)</i></p>
<p><i>As pessoas na verdade nem sabem o que é feminismo, não entendem o que significa a luta das mulheres, na verdade eles acham que feminismo é femismo. E esse tipo de movimento que surge na internet traz a discussão para fora do mundo virtual, vem para a televisão, para a sala de aula, para a conversa entre amigos, para as discussões de família, elas conseguem se transpor e atingir o objetivo que a pessoas debatam e pensem no que é feminismo. Além explicitar o que é um assédio, e que acontece com todas as mulheres, e principalmente que o assédio é um problema de todos. (ANNE)</i></p>
<p><i>O uso dessas hashtags incentiva não só aos homens, mas as próprias mulheres a respeitarem a igualdade de gênero. É importante sabermos que quando passamos por assédios verbais ou físicos, não somos as únicas, há inúmeras mulheres que sofreram e que poderão sofrer tais abusos, caso não aconteça a conscientização. A internet, sendo um dos recursos mais utilizados atualmente, ajuda na divulgação de campanhas e conseqüentemente na empoderação feminina. (EMMA)</i></p>
<p><i>Creio eu, que, se todas as mulheres se unissem e parassem com a rivalidade que existe em nosso meio e buscassem saber o real significado de feminismo isso colaboraria, pois, muitas confundem com feminismo. Se os grandes políticos porta voz do nosso país não colocassem religião em suas pautas para melhorar com o país, também, pois eles acabam tendo um público muito grande de pessoas que concordam com o machismo e que mulher tem de ser submissa a eles. Propagandas de TV que usam mulheres como objetos também, acabaria um pouco. Enfim, são inúmeros motivos que contribuem para que a mulher sofra algum tipo de violência na sociedade. E não é só mulheres como bem sabemos, gays, negros, transexuais.... Qualquer pessoa que a sociedade julga ser diferente é julgada e violentada. (JOANA)</i></p>
<p><i>É no momento em que as mulheres não baixam a cabeça, em que elas se empoderem para esgrachar tudo que sofrem, não de uma forma para se sentir de vítima e sim como forma de resistência. As manifestações de campanhas fizeram com que muitas mulheres se identificassem uma com as outras, como forma de companheiras na luta e que muitos homens pensassem sobre, pois já terem reproduzidos diversos dos fatos que as mulheres exploram! (MICHELE)</i></p>
<p><i>Ver essas hashtags em evidência é saber que as pessoas estão falando disso. Falando do lado positivo, o tema é discutido e o espaço aberto pela internet para essa discussão consegue alcançar muitas pessoas. A partir daí se desenvolve um interesse maior sobre a luta pela igualdade de gênero. (PENHA)</i></p>

Fonte: Dados conforme a pesquisa

Na última questão da pesquisa foi proposta a identificação para um eventual contato sobre o questionário, no qual 24 meninas se dispuseram a se identificar para um possível contato. Apesar do número significativo de meninas que não participaram das manifestações

através das *hashtags* ou que não participam de nenhuma ação feminista nas redes sociais, quase todas acham que esse assunto é de extrema importância. O questionário apontou respostas e desabaços das mulheres que foram questionadas e ressalta a importância de se debater assuntos como feminismo, empoderamento e talvez o mais importante, a violência que sofremos diariamente, seja ela verbal, física, mental ou doméstica. Que também devemos continuar debatendo, manifestando nossas opiniões nas redes sociais, e inclusive levar as discussões dos meios digitais para as mídias tradicionais, para que o empoderamento feminino e assuntos sobre o tema ganhem mais visibilidade e conhecimento da sociedade em geral, acabando com os preconceitos e pré-conceitos que esse assunto tem.

6. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa falamos de empoderamento feminino, nas ruas, nas redes sociais, sobre violência mental, sexual, doméstica e suas consequências nas vidas das vítimas. Relatamos também inúmeros casos de assédios verbais em ambientes públicos e também sobre assédio sexual.

Percebe-se que o assunto ainda é algo novo, algo pouco discutido com profundidade pela sociedade, assunto falado somente em pequenos grupos ou somente entre mulheres envolvidas em ações feministas. O questionário revelou que, para muitas entrevistadas, o machismo é algo que faz parte de seu cotidiano e que elas, enquanto feministas, percebem que tanto homens quanto mulheres são ainda leigos sobre esse assunto e acabam vendo o feminismo como algo negativo. Muitas das mulheres questionadas relataram medo, vergonha e até transtornos como ansiedade e insônia por atos machistas e assédios, em que elas se sentem impotentes e desprotegidas pela sociedade.

Com os depoimentos sobre o assunto, a pesquisa revelou que a maioria das participantes não se envolveram em ações feministas por meio das *hashtags* nas redes sociais e não expõem suas opiniões sobre assuntos relacionados ao feminismo e o machismo em seus perfis na internet. Outro fator que contribui para o anonimato desse assunto na sociedade é o preconceito que muitas das mulheres que se consideram feministas sofrem. Por esse anonimato e exclusão da sociedade, a criação de grupos feministas da internet cresceu. Segundo as participantes do questionário, os coletivos feministas acabam aproximando as participantes, são lugares onde elas se sentem à vontade para compartilhar histórias, em que muitas acabam se identificando; isso faz com que elas não se sintam sozinhas, tornando o empoderamento delas fundamental.

A vanguarda feminista de gerações anteriores tinha meios diferentes para enfrentar a sociedade, em expor sua opinião e tentar mudar algo em relação ao feminismo. Mas manifestações eram feitas através de ações nas ruas, de cartazes e debates em céu aberto. Debatiam entre si por meio de reuniões de pequenos grupos ou através de cartas. Hoje com a internet, as possibilidades de debate e ações feministas mudaram. É possível unir um grande número de feministas e de apoiadoras com apenas um post na internet. Também com a criação das *hashtags* o número de ações feministas por meio desse método cresceu, viralizou e fez com que as feministas que não tinham voz, ganhassem pela primeira vez atenção. Além, de conseguir divulgar mais sobre o tema, vários sites, blogs, aplicativos e movimentos

feministas nasceram. Com isso a sociedade leiga que não fazia ideia do que era ser feminista, conseguiu ver que o feminismo não diz respeito a odiar os homens.

A questão central do feminismo não é menosprezar os homens, é mostrar que a luta feminina vem de muitos anos atrás, que pequenas conquistas como, ler, estudar, usar uma calça jeans e poder trabalhar em quase qualquer meio profissional, é uma conquista dessa luta. Não é incentivar o ódio, mas sim o amor e a igualdade entre os gêneros. Que a cantada recebida na rua não continue sendo considerado algo normal, algo indefeso. Que a esposa que apanha em casa do marido não seja alvo de comentários em que ela está pedindo para isso acontecer. Para que não tenhamos que ouvir que a sociedade em geral ache que uma mulher que se vista com roupa curta seja vista como objeto sexual e mereça ser agredida, violada e humilhada. O feminismo está abrindo um debate pelas ações e publicações nas redes sociais desse teor. De pedir respeito, igualdade salarial, profissional, pessoal e dessexualizar a imagem feminina.

A internet trouxe inúmeras possibilidades para que esse movimento cresça. Para que meninas do mundo todo possam compartilhar histórias, relatos pessoais e saírem do anonimato. Em que elas se sintam acolhidas, se identifiquem umas com as outras e percam o tabu da vergonha, do medo e do preconceito. Hoje a palavra empoderamento ganhou importância extrema, cujo significado corresponde a coragem, liberdade e principalmente amor próprio. Todo esse crescimento sobre o assunto e manifestações, é mérito da atuação das mulheres na internet, pois sem elas, esse tipo de assunto teria muito menos conhecimento e continuaríamos aceitando o rebaixamento feminino. Os coletivos feministas afirmam que a internet vem colaborando para a popularização do tema, salientam que as mídias sociais são ambientes que fortalecem o assunto e favorecem a uma mudança cultural.

A internet surgiu com fins militares, mas seus usos permitem interações e discussões entre diferentes pessoas, diferente do que acontece nos meios de comunicação tradicionais. Com relação ao feminismo, permitiram tornar o assunto mais conhecido, convertendo usuários leigos do assunto em apoiadores da causa. O próprio questionário realizado nesse trabalho, revelou que a grande parcela das mulheres que responderam ele, conheceram o feminismo por meio da internet. Revelando mais uma vez que as ações feministas através das *hashtags* e por interações nas mídias sociais, vem colaborando para a disseminação de informações e esclarecimento sobre o tema, que raramente é pautado nas mídias tradicionais, e o crescimento de pessoas interessadas no assunto, criando possíveis apoiadores e feministas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria Zina, Gonçalves. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Ponto Delgada: Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VI, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.3/380>>
- ALIGHIERI, Bianca. **As revistas femininas e seus contratos de leitura no ambiente de midiaticização**. Curitiba: Annris, 2015.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ARAÚJO, Florivaldo, Dutra; BEDIN, Gilmar Antonio; CITTADINO, Gisele, Guimarães. **Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito**. Florianópolis: CONPEDI, 2015. Disponível em: <<http://www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2016.
- BARBOSA, Talita Santos. O feminismo na internet também é importante. **Blogueiras Feministas**, 2015. Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2015/09/o-feminismo-na-internet-tambem-e-importante/>>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- BIROLI, Flavia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BORTOLON, Bianca; PERDIGÃO, Luísa. **30 contra todas: análise da rede de denúncias e solidariedade no Twitter**. LABIC, 2016. Disponível em: <<http://www.labic.net/cartografia/30-contra-todas-analise-da-rede-de-denuncia-e-solidariedade-no-twitter>>. Acesso em: 19 nov. 2016.
- BRASIL, Agência. **Com a internet, feminista está em alta entre as jovens**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/com-internet-feminismo-esta-em-alta-entre-jovens-diz-especialista>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- BUITONI, Dulcília. **A Mulher De Papel**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- CAMPOS, Aduana. **As Feministas na Internet**. Coletivo Não Me Kahlo. 2015. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/02/25/As-Feministas-de-Internet>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Feminismo-Feminismos. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, p. 244-248, 2015.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Geledés, 6 mar. 2011. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/sueli-carnero/17473-sueli-carneiro-enegrecer-o>>

feminismo-a-situação-da-mulher-negra-na-amaerica-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 15 out.2016.

CONDORCET, Jean Antonie Nicolas de Caritat, Marquis de. **Réflexios sur l'esclage des nègres-1781**. La Société Typographique: Neufchatel, 1781. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/condorcet/reflexions_esclavage_negres-condorcet_reflexions_esclavage>. Acesso em: 10 out. 2016.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos Feministas. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, p. 469- 473, 2015.

DALMÁS, Giovana; MÉNDEZ, Natália Pietra; BEAUVOIR, Simone. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, p. 63-69, 2015.

DINIZ, Debora. Aborto e Saúde Pública no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.23, n.9, p. 1992-1993, 2007.

FAUSER, Bruno. Sociedade em rede, inclusão digital e cidadania cultural. In: OLIVEIRA, Catarina Tereza, Farias; NUNES, Márcia, Vidal. **Cidadania e Cultura digital: Apropriações populares da internet**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

FERRARO, Alceu, Ravello, Condorcet. Educação da mulher. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, p. 127-131, 2015.

FRANK, Priscilla: **A look insite Robert Adolto's documentary "The F Word"**. The Huffington Post, 2015. Disponível em:<http://www.huffingtonpost.com/entry/fourth-wave-feminist-artists_us_566a1b8ee4b009377b24860a>. Acesso em: 02 out. 2016.

KARAWEJCZYK, Monica. As filhas de Eva querem voltar. In: COLLING, Ana Maria TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: UFGD, p. 611-615, 2015.

LEAL, Tatiane. **A mulher poderosa: construção da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação- ECO, 2015.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MAZZA, Viviana. **Malala: a menina mais corajosa do mundo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

MEYER, Maximiliano. **Como foi inventada a internet?** Oficina da Net, 2016. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/13707-como-surgiu-a-internet>>. Acesso em: 19 nov.2016.

MONTSERRANT, Barba. **Qué es el feminismo**. About en español, 2016. Disponível em: <<http://feminismo.about.com/od/conceptos/a/que-es-el-feminismo.htm>>. Acesso: 02 out. 2016.

MULHERES, Marcha Mundial. Feminismo 2.0: a contribuição para o movimento de mulheres e a importância do Marco Civil. **Marcha Mundial das Mulheres**, 2012. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2012/11/19/feminismo-2-0-a-contribuicao-do-ciberativismo-para-o-movimento-de-mulheres-e-a-importancia-do-marco-civil-da-internet/?blogsub=confirming#blog_subscription-2>. Acesso em: 25 nov. 2016.

NÃO ME KAHLO, coletivo. **#MeuAmigoSecreto**: Feminismo além das redes. 1.ed. Rio de Janeiro: Edição de Janeiro, 2016.

NUNES, Márcia Vidal. Cultura, cidadania e novas tecnologias: Novas relações sociais. In: OLIVEIRA, Catarina Tereza, Farias; NUNES, Márcia, Vidal. **Cidadania e Cultura digital: Apropriações populares da internet**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

OLGA, Coletivo, Think. **Chega de Fiu Fiu**. 2013. Disponível em: <<http://thinkolga.com/cheга-de-fiu-fiu/>>. Acesso em: 20 mar. 2016>.

OLIVEIRA, Catarina Tereza, Farias; NUNES, Márcia, Vidal. **Cidadania e Cultura digital: Apropriações populares da internet**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

PATROCÍNIO, Carol. Quando uma menina de 12 anos no MasterChef Jr desperta o desejo de homens adultos, precisamos falar sobre a cultura do estupro. **Huffpost Brasil**, 2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/carol-patrocinio/quando-uma-menina-de-12-a_b_8348388.html>. Acesso em: 10 jan. 2016.

PEDRO, Joana Maria: A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n.45, p. 239-260, 2003.

REPÚBLICA, Secretaria de Comunicação Social da Presidência. **Pesquisa Brasileira de Mídia**: Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2016

RIBEIRO, Djamila. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**. Carta Capital, 2014. Disponível em: <<http://migre.me/v85LJ>>. Acesso em: 02 out. 2016.

TAVARES, Frederico de Melo; SCHWAAB, Reges. **A Revista e seu Jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.